SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXX

FEVEREIRO/MARÇO DE 1974

N.os 346/347

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

IDEALISTAS MAS NÃO INGÉNUOS

O caso passou-se há muitos anos, mas merecerá a pena recordá-lo para aproveitar as ilações que nos pode proporcionar. Um escoteiro chamado a prestar serviço militar numa terra da província, vindo a Lisboa em gozo de licença, procurou o seu Chefe e confessou-lhe, desolado, que chegara à conclusão de que na vida prática a Lei do Escoteiro não tinha qualquer aplicação. E explicou: tendo procurado aplicar os princípios escoteiros nas relações com os seus camaradas, diligenciando ser verdadeiro, leal, respeitador do bem de outrem, essa atitude apenas lhe trouxera dissabores e decepções.

Apesar de surpreendido pela inesperada revelação, o chefe esteve perfeitamente à altura da circunstância e lembrou ao Caminheiro a história do Menino Lobo, de Rudyard Kipling, que tem feito a delícia de sucessivas gerações de lobitos, para lhe recordar que na *Selva* não havia apenas a família dos lobos, com a sua lei, ordem e disciplina. Existiam também os *Bardarlog,* hordas de macacos sem lei, trocistas e irreverentes; o tigre *Shere-Kan,* traiçoeiro, intriguista e mau, e tantos outros para quem os princípios não contavam. É certo que também vivia na Jangal o bondoso urso *Baloo,* sábio e prestável, e a pantera *Baguera,* sensata e prudente, mas a Lei não era observada por muitos dos habitantes da floresta.

Os princípios escoteiros da Promessa e da Lei são perfeitamente válidos e actuais em todas as ocasiões, mas são os nossos princípios. Pode-se confiar na honra do Escoteiro e, felizmente, pode-se confiar igualmente na dignidade de muita gente que nunca foi escoteira, mas não se pode confiar indiscriminadamente em todos aqueles com quem temos de privar. Temos o direito de exigir que o Escoteiro seja verdadeiro, leal, prestável, sóbrio, puro, mas não devemos ser colhidos pela surpresa quando essas virtudes não forem por outros acatadas.

O movimento escoteiro pode correr o risco de educar os seus jovens membros num ambiente isolado, onde a prática das nossas regras do jogo seja tão natural que o rapaz possa ser levado a imaginar que esse é o clima que vai encontrar na vida social, o que conduzirá a formar mentalidades idealistas, mas ingénuas. A ingenuidade é dos mais graves riscos que se pode correr na vida. Poder-nos-á colocar em situações em que a lealdade é retribuída com a injustiça por cretinos que afirmem que se não pode ser demasiadamente honesto, como se a honestidade fosse alguma vez em demasia. Em política, por exemplo, a ingenuidade conduz frequentemente à prisão ou à morte. Em todos os casos a ingenuidade causa decepções graves, que convém evitar para que não dêem origem a complexos que podem ter influência decisiva na personalidade dos indivíduos.

Continua na pág. 7

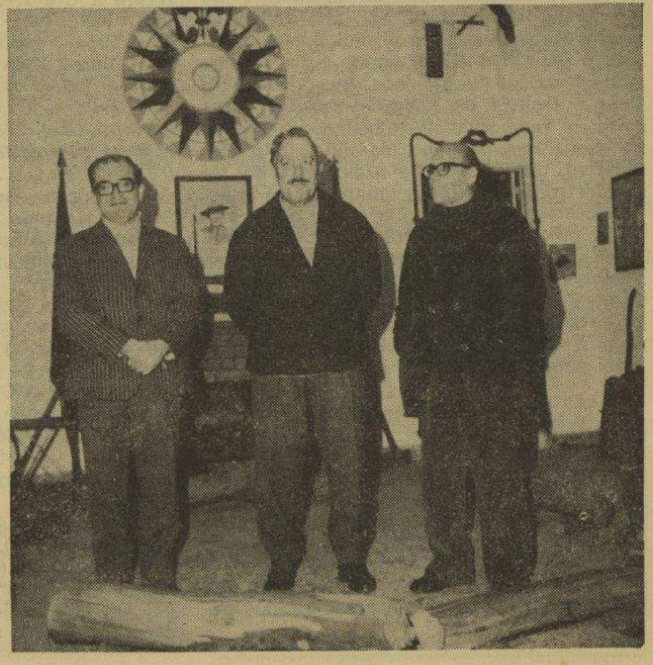
ALARME

Quando após um prolongado e duro esforço e graças à colaboração e amizade dos nossos leitores, havíamos conseguido o equilíbrio das finanças do «Sempre Pronto», por forma a garantir-lhe a desejada continuidade, admitindo mesmo que uma nova e entusiástica campanha de divulgação nos viesse a permitir o sonhado crescimento a que já nos arriscáramos em alguns números do último ano, eis que a sentença terrível se abate sobre nós.

A nossa tipografia que, por razões de cooperação muito de elogiar, praticava connosco condições especiais de preço, acaba de nos comunicar que tais condições não poderão manter-se, elevando o custo do jornal em quase 70 %.

Perante tal situação que nos colhe de surpresa e para a qual não nos achamos de forma alguma preparados, teremos provavelmente de cessar a publicação do nosso jornal, a menos que a dedicação dos nossos leitores nos aponte a solução viável que sozinhos não conseguimos encontrar. A colaboração publicitária seria, provavelmente, um meio excelente de prosseguir, mas a indispensável angariação é tarefa em que

Continua na pág. 11



A equipa de fundadores do «Sempre Pronto», ainda hoje presente na orientação do nosso jornal. Verdadeiros exemplo de dedicação e tenacidade, souberam cimentar o prestígio de uma pequena publicação, merecendo por isso a singela homenagem que lhes prestam quantos com eles aqui trabalham.

OS PORTUGUESES NO XVI JAMBORI NO AR

Uma Comunicação de um dirigente brasileiro

Confirma-se o alto nível atingido pela participação dos grupos portugueses no XVI Jambori no Ar, eis a impressão que fica da consulta das relatórios dos grupos que têm chegado ao nosso poder.

Tal facto, longe de ser um factor de tranquilidade para os nossos esforços no aperfeiçoamento da actuação dos escoteiros portugueses nesta actividade mundial, vem, pelo contrário, trazer maior responsabilidade, isto se quisermos manter e melhorar, como é natural, a nossa posição neste certame.

Esta finalidade poderá ser bem servida se escutarmos as judiciosas considerações que nos faz o conceituado dirigente escotista brasileiro e nosso prezado assinante sr. Eng.º Kaol Sugimoto acerca das intenções que devem presidir aos contactos feitos através da TSF pelos escoteiros durante a realização de um JOTA: o fomento e o estreitamento dos laços de amizade e camaradagem entre os jovens de todo o mundo.

O assunto merece reflexão, pelo que a ele nos referiremos, mais detidamente, no próximo número.

«Princípios de Rádio»

A Organização Nacional do Jambori no Ar acaba de concretizar uma iniciativa muito útil aos escoteiros que queiram iniciar o estudo dos problemas e da técnica radioeléctricos e até aos que desejarem tirar a licença de operador-amador. Trata-se da publicação do opúsculo *Princípios de Rádio*, um pequeno manual, muito elucidativo, que aborda os rudimentos da radioelectrónica de forma muito clara e agradável, acessível a quem se inicie nesta matéria, cujo interesse será logo despertado.

Eis um opúsculo que aconselhamos vivamente aos escoteiros interessados nos Jamboris no Ar, tanto mais que ele é posto gratuitamente à disposição dos elementos escotistas que efectivamente afirmem esta disposição.

Resumo de Relatórios

Continuamos hoje a publicar o resumo dalguns relatórios já chegados à nossa posse.

Chamamos a atenção para a conveniência de serem tomados em consideração os sinais convencionais publicados no nosso penúltimo número para a compreensão das informações sobre os contactos obtidos pelos diversos grupos

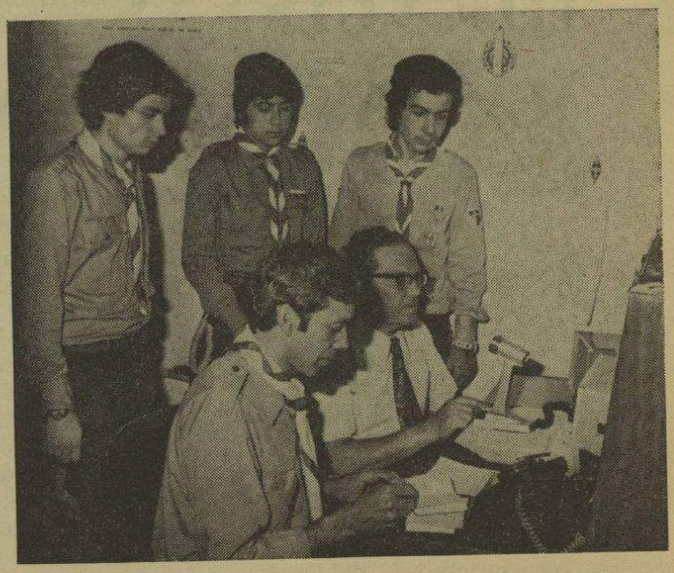
Grupo 22 (AEP) — Queluz

Mais uma vez, o radioamador sr. Prof. Feliz F. Oliveira pôs o seu emissor ao serviço do escoteiro, demonstrando a sua proverbial hospitalidade. Desta vez, foram os rapazes do Grupo 22 que contactaram com o mundo através do seu posto CT1HB, tendo obtido os seguintes contactos:

Portugueses: Angra do Heroísmo (2) 52, Cartaxo *52*, Évora *37*, Linda-a-Velha *297*, Lisboa (10) 3, *23*, *57*, *380*, AEP e JNO, Malange *271*, Odivelas *69*, Ponta Delgada 80 e *107*, Porto (2) 41, Salazar, S. Domingos de Rana (2) *113*, e PLINI.

Estrangeiros: África do Sul, Alemanha (4), Argentina, Áustria, Brasil (4), Dinamarca, Escócia (2), EUA (2), Holanda (8), Inglaterra (19), Itália, Luxemburgo (3), Noruega e Suíça (4). Total: 52 contactos.

Todos à escuta



Atentos os rapazes do Grupo n.º 24, do Funchal, não escondem a curiosidade que o contacto conseguido lhes desperta.

O JAMBORI NO AR é uma actividade que de ano para ano vai ganhando mais entusiastas dentro e fora do Escotismo.

Grupos da Lusalite e 29 (AEP) Dondo — Moçambique

Há anos que o radioamador sr. José Dias Manso Coelho Faria vem colaborando com os escoteiros do Dondo, os quais não escondem o seu agrado pelo facto. Este ano, o posto deste radioamador — CR7IX — operou, tal como no ano passado, sob o indicativo especial CR7AEP.

O relatório deste grupo, ainda que simples, faz considerações de muito interesse acerca dos acontecimentos proporcionados pelos contactos feitos. Deve ser este um dos aspectos que os relatórios dos grupos intervenientes não devem menosprezar. Assim a título exemplificativo, transcrevemos: «*Era com grande satisfação que o sr. Manso operava. Via-se-lhe nos olhos! O Manuel Rodrigues queria era ligação com o Brasil para ver se falava com o Dr. Jesus, seu companheiro do XIII Jambori Mundial. Nos dois dias, contactámos com 14 postos do país irmão, mas o posto PT2EPC, do Dr. Jesus, não apareceu. E foi pena, porque seria uma grande alegria para o Manuel*».

Outros trechos mereceriam transcrição também, o que não fazemos por o espaço não o permitir.

Contactos alcançados:

Portugueses: Alvega, Beira (2) 51 e SJ, Benguela (2) 39, Elvas *158*, Lisboa (3) 1, 79, *45* e 94, Lobito (2) 40, Lourenço Marques (5) AK e BP, Luanda (6) 36, DF e SCR, Malange (9) *271* e 1.ª, Nova Lisboa (7) *156*, *166*, *177* e *249*, Ponta Delgada 80 e *107*, Sá da Bandeira *211*, Santarém *52*, S. Tomé (2) *296* e Vila Nova de Gaia 41.

Estrangeiro: África do Sul (12), Alemanha, Brasil (14), Chipre, França, Grécia, Holanda (2), Hungria, Inglaterra, Irlanda, Japão (4), Luxemburgo, Maldivas, Noruega, Quénia, Rodésia (2) e Sudoeste Africano (3). Total: 92 contactos.

Agrupamento 37 (CNE) — Évora

Este agrupamento da bela cidade alentejana esteve, mais uma vez, num JOTA, *a bordo* do emissor CT1BT do radioamador sr. Romualdo Teles.

Contactos obtidos:

Portugueses: Algés (2) *297*, Alvega, Cacém 22, Elvas *151*, Funchal 24, Lisboa (4) 1, 8, *36*, 79, *380* e JNO, Nova Lisboa *156*, Ponta Delgada, Santarém *52* e Vila Nova de Gaia (2) 41.

Estrangeiros: Brasil (4), Canadá (2), Curaçau, EUA, Inglaterra (2), Itália e Suécia. Total: 27 contactos.

A demonstração do poder de fomentar a amizade dá-nos um curto passo do relatório deste grupo, quando diz: «*Um momento de alegria intranscrevível quando ouvimos que a bordo da estação CR6CNE estava o chefe Pereira Gonçalves, que a maioria dos presentes tinha conhecido no XIV Acampamento Nacional do CNE*».

O Escotismo é um veículo para o bom entendimento entre os países, entre as raças e entre os credos. E os jamboris no ar contribuem para que esses ideais tenham uma concretização. Viva o Escotismo!

(Do relatório do Grupo da Lusalite, do Dondo).

Grupo 77 (AEP) — Faro

Através do posto CT1LN, este grupo algarvio esteve *no ar*, como aliás lhe é habitual.

Foram estes os resultados alcançados:

Portugueses: Azambuja 27, Benguela 39 e *97*, Dondo 39, Elvas *158*, Lisboa (2 8 e *380*, Loulé CNE, Luanda (2) DF, Malange 1.ª, Ponta Delgada 80 e *107*, Queluz 23 e Vila Nova de Gaia 41.

Estrangeiro: Alemanha, Austrália, Brasil (5), Escócia, Holanda (4), Inglaterra (10), Itália (4), Luxemburgo (2), Malta e Suécia. Total: 43 contactos.

Agrupamento 113 (CNE) — S. Domingos de Rana

A bordo do posto CT1GT, este agrupamento da Costa do Sol obteve um regular conjunto de contactos. Ei-los:

Portugueses: Linda-a-Velha *297*, Lisboa (4) 1, 5, 7, JNO e CNE, Lobito 40, Lourenço Marques EM, Luanda (2) 36 e DF, Malange *271*, Nampula *246*, Nova Lisboa (3) *156* e *177*, Parede *71* e 10.ª, Queluz 22 e 93 e S. Tomé *219*.

Continua na pág. 5



Se não arranjamos sede, com certeza desapareceremos da cena escotista

— afirmou-nos o novo chefe do grupo n.º 5, sr. Virgílio Morais

Interessou-se pelo movimento, já adulto.

Depois, uma episódica passagem pelo Grupo n.º 9, ei-lo que assenta arraiais na Pontinha para ali desenvolver laborioso trabalho como chefe-ajudante do Grupo n.º 19 dos Escoteiros de Portugal, que muito contribuiu para o engrandecimento daquela unidade.

O Grupo n.º 5 estava em crise e Virgílio Morais, cheio de boa vontade, colocou-se à disposição daquele grupo e é, neste momento, o seu chefe principal.

Tivemos com o Virgílio uma conversa informal, mas não queremos deixar de registar alguns apontamentos da mesma:

— Neste tempo achas que há possibilidade de se praticar escotismo dentro de um grupo?

— Sim. Acho que o escotismo se pode realizar de várias maneiras. Há muito campo de acção em que um chefe pode trabalhar e pode-se sempre lançar mão de coisas novas que vão surgindo, adaptando-as ao movimento. O essencial para o escotismo é não esquecer os assuntos antigos, dando-lhes ar de novidade, e utilizar os temas que vão surgindo dia a dia, na medida do possível.

O escotismo mesmo olhado só pelo prisma do Sistema de Patrulhas é, para mim, uma maneira sempre nova de entusiasmar rapazes, porque o sistema, sendo uma organização dos próprios rapazes, dá possibilidade de introduzir no movimento os campos de actividade que eles mais gostem.

— Referiste que existem muitos campos de acção para realizar escotismo. Concretiza essa afirmação.

— Quando afirmei isso estava-me a lembrar da actividade de montanhismo em que já participei e de que o rapaz tanto gosta.

Mas falo no montanhismo, como poderia citar a espeleologia, a caça submarina, como desportos ou actividades modernas, mas posso também lembrar que o pioneirismo praticado a valer, jogos bem concebidos ou até um bom trabalho de sapador são actividades que atraem os rapazes.

— Notas dificuldade em trabalho com os rapazes?

— Essa pergunta é difícil de responder. Dificuldades há sempre e de ordem vária.

Por exemplo, os rapazes acodem mais ao futebol, ao baile ou para outros divertimentos, quando desconhecem um bom trabalho escoteiro. Por outro lado verifico que o nível social em que o rapaz vive, tem que ser graduado com a qualidade de escotismo que se lhe apresenta. Um rapaz de boas posses e cujos pais pratiquem desporto não se conformará em estar numa reunião a fazer nozinhos e num acampamento a executar decorações. O Chefe tem por obrigação descobrir a maneira de entusiasmar e fazer comunidade entre os rapazes de diferentes níveis sociais e intelectuais para conseguir que os mesmos se mantenham no movimento.

Quais as qualidades que deve ter um dirigente escoteiro?

Eu vejo poucos dirigentes. Eu próprio não deveria ser dirigente. Reconheço-me sem preparação cultural suficiente e se o escotismo é um movimento educativo necessita pessoas com maior formação. Tenho grande vontade em lidar com os jovens, mas terei de ser sempre o chamado dirigente prático e não aquele outro que transmite a sua cultura.

O ideal para chefe escoteiro, seria um catedrático que fosse capaz de acender lume com dois pauzinhos.

Por meu lado senti necessidade, ao lidar com determinados rapazes (nomeadamente estudantes) de elevar o meu nível cultural e, por isso, muni-me de livros escotistas e não escotistas que me têm auxiliado a tarefa. O chefe Albano da Silva teve a amabilidade de me oferecer vários livros e revistas, assino vários jornais e revistas escotistas portuguesas e estrangeiras e até comprei na «feira da ladra» livros sobre escotismo assinados pelo sr. Dr. Salazar Leite que só mais tarde tive notícia que fora um notável escoteiro chefe da A. E. P.

Se falo, no entanto, em cultura do dirigente não quero dizer que esta seja para impingir aos rapazes. Na minha modesta maneira de ver o escotismo não é para dar conhecimentos, cultura, e destreza aos rapazes, mas sim para desenvolver-lhes a vontade de conseguir essas mesmas coisas.

— Agora, vamos falar do Cinco. Que tencionas realizar no teu grupo?

— O mesmo que no Grupo 19. Isto é, criar à minha volta uma mão-cheia de rapazes que acreditem em mim e que me sigam.

Fui encontrar o «velhinho Cinco» completamente desmantelado. O porquê não está em causa, mas o certo é que fui encontrar um monte de rapazes sem eira nem beira. Em primeiro lugar pretendo que esses rapazes sejam meus amigos e que entendam que estavam errados em determinadas coisas, entre elas o acampar a monte, cheio de gritaria e outros velhos costumes já arreigados no grupo e que eu pessoalmente não tolero nem permito.

Pretendo que isso tudo acabe e que se trabalhe com afinco para que todo o rapaz que ali milite se faça um bom rapaz, no bom sentido do termo, ou seja um bom filho, um óptimo estudante e um excelente português. Tudo isto é o que tenciono realizar.

— Encontras dificuldade nesse trabalho?

— Encontro e uma delas até é a sede. Estamos sem sede. A Fundação Ricardo Espírito Santo necessitou das instalações que nos cedera e a Direcção viu-se na contingência de nos mandar abandonar as salas de que dispúnhamos já há alguns anos. Cederam-nos um nicho para arrumarmos o nosso material. A título provisório, por intermédio dum sócio do grupo que é presidente da Junta de Freguesia de S. Vicente, concedeu-nos aquela entidade administrativa a cedência duma das salas para ali fazermos uma reunião semanal.

Senão arranjamos sede, com certeza desapareceremos da cena escotista, porque um grupo sem sede não pode funcionar.

— As entidades oficiais deveriam apoiar os grupos de escoteiros, fornecendo-lhes sedes e condições de vida?

— Pois evidentemente! a não ser que o mundo inteiro ande enganado sobre o movimento. Pois não é este considerado de utilidade pública? não são formados nos grupos cidadãos capazes? não tem dado o escotismo homens e mulheres que honram suas pátrias? A maioria dos grupos não pode suportar rendas de 2 500$00 mensais como acontece com o grupo 16 de Carcavelos e, nesta altura, nós estamos praticamente sem quotização de sócios auxiliares.

— Mesmo assim há planos para o futuro?

— Sem dúvida. Actualmente tenho 12 lobitos, provisoriamente dirigidos pelo caminheiro Afonso, 17 escoteiros, cinco caminheiros e dois chefes, eu e um chefe de tribo que está ausente, mas que está legal no meio dum monte de papelada que me veio parar à mão. A papelada graças ao apoio do Grupo n.º 8 será colocada na ordem. Não temos direcção e pelo menos ando a ver se vislumbro um secretário, pois não conheço antigos escoteiros capazes de me ajudar. Entrei numa altura tão má que seria preferível chefiar um grupo novo do que pegar num grupo velhinho... cheio de tradições... que só me trazem problemas, um grupo não pode viver de tradições, deve respeitá-las se forem de alguma utilidade.

Já que me referi a antigos escoteiros, agora lanço um apelo através do «Sempre Pronto»: não poderia a Fraternal dos Antigos Escoteiros ajudar-me na tarefa procurando nos seus sócios, quatro ou cinco pessoas que queiram constituir a direcção do Cinco?

— Bem, mudemos de assunto para finalizar. Que dizes da validade do «Sempre Pronto» perante o escotismo.

— Sou assinante já vai para quatro anos, e digo que o jornal é óptimo e até tenho pena que em vez de mensal não seja semanal, o que seria o ideal, mas vocês são tão poucos para fazerem tanto que isso seria uma loucura.

Os artigos que insere interessam grandemente aos chefes de escoteiros e, portanto, pode dizer-se que são como «mosca no mel» para nós. Para o escoteirinho que lê o jornal existe uma página que é formidável, a *«Página do Escoteiro»*, mas acho poucochinho, deveria ter mais para o escoteiro. Claro que o «S. P.» se dirige também a adultos, muitos dos quais nem são escoteiros e que nem sequer lhes interessam coisas de rapazes.

Tenho analisado que a falta de propaganda do «S. P.» dentro dos grupos, priva o escoteirinho de ler o jornal e eu que levo o meu exemplar para a reunião verifico que aquele é disputado de tal ordem que tenho de pedir que mo não rasguem. A *«Página do Escoteiro»* é devorada e as descrições de actividades que falam nos grupos, patrulhas e escoteiros são muito apreciadas.

Para o antigo escoteiro e para o chefe, os artigos do E. C. Professor Dória e do reverendo Eduardo Moreira são sempre de muito interesse. Acho que todos os grupos e todos os escoteiros deveriam assinar o «S. P.», a exemplo do que fez o Grupo n.º 8 que organizou um concurso para incrementar a leitura do nosso mensário.

A. I.

A educação começa a formar o homem da sociedade; a leitura, a boa companhia e a reflexão completam-no.

LOCKE

NUGAS

IX

Por A. ÁLVARO DÓRIA

Certos espíritos, um pouco simplistas, têm assinalado como fim da Filosofia a busca da verdade, maneira algo subtil de ladear dificuldades que até hoje não foram superadas, tantas e tão diversas têm sido as definições aventadas de «filosofia».

Não é, porém, minha intenção enveredar por esse caminho escabroso e cheio de perigos, onde soçobraram tantos belos espíritos do passado e se têm embrenhado, com maior ou menor afoiteza, tantos do nosso tempo.

Mais modestamente, apenas pretendo tecer algumas considerações, que julgo não despiciendas, acerca do que seja a Verdade, ou, pelo menos, daquilo que os homens consideram como tal.

Todos conhecem, ao menos de citações, a pergunta célebre de Pilatos a Cristo, quando este se encontrava no Pretório: *Quod est veritas?*

Tão-pouco enveredarei por esta via, tão perigosa como a outra acima aludida, por conduzir o homem por território densamente povoado de conceitos e até paradoxos de onde seria muito difícil fazer sair uma definição que não revestisse carácter sacral, campo que a mim próprio me vedei por me ser defeso, por vontade própria, meter foice em seara alheia.

Parece que o simples enunciado do termo «Verdade» é bastante para a definir, assumindo assim o carácter de axioma, obviamente dispensando definição. Se entrarmos, porém, a considerar esse termo um pouco de mais perto, grande será o espanto ao verificar-se que não é fácil, muito longe disso, chegar-se a uma definição exacta, portanto incontrovertível.

«Verdade», *in limine,* será tudo o que reveste o carácter de verídico. Sendo, porém, diferentes os conceitos dos homens quanto ao que possa considerar-se como tal, aonde nos conduzirá a definição proposta? Porque há a verdade objectiva e a verdade subjectiva, logo se concluirá que se aquela será fácil de demonstrar, esta última escapa, tantas vezes, pelas malhas da dialéctica mais subtil, e aí se recairia nas pugnas intermináveis dos dialectas medievais e da sua velha querela dos Universais, para não remontarmos mais longe, até aos Sofistas da antiga Hélada.

Irei ainda mais longe: a própria verdade objectiva é susceptível de ser impugnada, por depender directamente da visão de cada um de nós e esta pode ser falível, como tantos acontecimentos históricos no-lo revelam através dos depoimentos de testemunhas oculares.

O célebre navegador e corsário *Sir* Walter Raleigh, um momento favorito da rainha Isabel I, encontrava-se um dia encerrado na Torre de Londres, tendo testemunhado, através das grades do seu cárcere, uma rixa ocorrida cá fora, perto do cais do Tamisa. No dia imediato, ou pouco depois, visitou-o um amigo e aconteceu vir a talhe de foice a rixa a que Raleigh assistira e à qual, por mero acaso, também estivera presente o amigo visitante. Conversando sobre o caso, espantou-se deveras o antigo navegador por ver como divergia profundamente o testemunho do amigo, apesar de ambos eles terem assistido ao mesmo facto. Considerando como a Verdade é tão subtil que se escapa pelos fios das malhas mais apertadas, decidiu Raleigh destruir uma «História do Mundo» que então redigia para passar o tempo, convencido de lhe ser impossível apanhar a verdade do passado se ele não pudera apanhar aquela que seus próprios olhos haviam visto.

Verdade ou fantasia, a anedota ilustra bem o meu ponto de vista e fundamenta afinal a afirmação radical de alguns espíritos, talvez demasiado suspicazes, que entendem não haver verdade objectiva, toda ela sendo de carácter subjectivo, portanto vário e difícil de caracterizar.

Na vida de todos os dias, cada qual de nós tem oportunidade de testemunhar como o conceito de «Verdade» diverge, trate-se de homem culto ou do homem-da-rua.

Representava-a a Mitologia greco-romana como uma mulher jovem, completamente nua e empunhando um espelho em que ela se mirava, considerando-se assim a Verdade como o seu próprio reflexo, conceito um tanto paradoxal. Assim, a Verdade terá como atributo a sua própria nudez, nada portanto devendo ocultar. Que significaria, porém, o reflexo dessa nudez no espelho da deusa, se o espelho nada mais faz do que reproduzir aquilo que se lhe põe diante? Se a «nua» Verdade, pela sua própria nudez, já traduz a ideia do que não pode oferecer dúvida, o reflexo do espelho é pleonástico, naturalmente. Salvo se se tratar de mero atributo emprestado à deusa para a distinguir de tantas outras deusas também representadas nuas pela Antiguidade pagã.

Seja como for, a Verdade é, deve ser a expressão daquilo que *é,* o que nem sempre agrada aos homens, mesmo àqueles que detestam (ou dizem detestar...) a Mentira. O conceito de Verdade apresenta, pois, diferentes gradações ou nuanças que, afinal, o desfiguram por completo.

É que verdades há que desagradam a certos indivíduos, a certas camadas, até a certos povos, e teria sido essa a origem do consabido prolóquio de que «nem todas as verdades se dizem». Já no Decálogo recebido por Moisés no alto do Sinai, embora num sentido de certo modo restrito, estava consignado o preceito: «Não levantarás falso testemunho», que é uma forma de sofismar a Verdade.

Mas, apesar da Lei de Moisés e de todos os preceitos, advertências, conselhos, de tantíssimos filósofos, pensadores, moralistas, legisladores até, sempre aos homens tem agradado mais uma falsa verdade do que

Continua na pág. 5

A Grande Lição dos Japoneses

Eis uma singela frase que bem merece ser lembrada, nos dias de hoje, pelo que revela, não simplesmente como uma tendência e seu consequente destino, numa pessoa, mas como o foi numa nação inteira, pelo que esta vai dando eloquente lição ao mundo: «*nós queremos aprender*».

Foi essa frase proferida pelos japoneses que primeiramente viram gente ocidental — os portugueses desembarcados, em 1543, na ilha de Tanegaxima, ao Sul de Quiuxi, no então misterioso arquipélago do *Dai Nipon.*

Iam os audaciosos portugueses armados de mosquetes, esses pesados avoengueiros do século XV, ali nunca vistos, nem coisa que se parecesse.

Num documento japonês da época são essas armas descritas como objecto «direito no exterior, tendo no interior um tubo feito de material pesado...»

Quando os visitantes lançaram para o ar alguns tiros, diante duma grande multidão, todos os circunstantes ficaram profundamente assombrados; mas voltando à sua habitual serenidade, misturada da curiosidade ambiciosa, exclamaram, conforme nota o cronista de há 430 anos, a frase já citada, que bem poderia ser o voto das suas tão variadas relações, desde então estabelecidas com o longínquo Ocidente. Em mais de quatro séculos de vida, essas palavras podem ainda ser também um incitamento para as relações entre todos os povos:

NÓS QUEREMOS APRENDER!

Escrito sobre uma nota vertida do alemão por Verena Leuzinger dos Santos, antiga «Guia».

E. M.

Os portugueses no XVI Jambori no Ar

Continuação da pág. 2

Estrangeiro: Alemanha, Brasil (6), EUA (2), Inglaterra, Irlanda, Itália (2) e Luxemburgo. Total: 32 contactos.

Agrupamentos 211 e 294 (CNE) — Sá da Bandeira

Estes dois agrupamentos estiveram *no ar* através de três postos. O grupo 294, no posto CR6KH, do radioamador sr. Rogério Fernandes de Castro, e o agrupamento 211, também neste posto e ainda no CR6AK e CR6FA, respectivamente dos radioamadores srs. Francisco Soares Jr. e José de Almeida Pereira Gomes.

Contactos feitos:

CR6SH:

Portugueses: Cartaxo *52*, Elvas *246*, Lisboa 94, Ponta Delgada 80 e *107* e S. Tomé *296*.

Estrangeiro: Brasil: (2) e Itália. Total: 8 contactos.

CR6FA:

Portugueses: Dondo LUS e 29, Nampula *246* e S. Tomé (2) *296*.

Estrangeiro: África do Sul e Brasil (4). Total: 9 contactos.

CR6KH:

Apenas 1 contacto com o Brasil.

Colaborou com estes agrupamentos o escoteiro Guilherme Artur da Silva Campos, que pertenceu ao Grupo 8 da AEP, de Lisboa. Esteve nos dois postos mencionados em último lugar e também no CR6SH do radioamador sr. Carlos A. R. Marinho. Envia um relatório não muito extenso, mas cuidado e com informações interessantes. Dá relevo ao contacto que teve com o posto onde se encontrava o nosso redactor Armando Garcia Inácio e dá mostras do prazer que o facto lhe deu, bem como a troca de saudações com o EC António Aleixo, do Grupo da Lusalite do Dondo.

Contactos feitos durante a permanência deste nosso companheiro nos postos que visitou:

CR6SH:

Portugueses: Salazar EM, e S. Tomé 296.

Estrangeiro: 3 contactos com o Brasil. Total: 5 contactos.

CR6AK:

Portugueses: Cartaxo *52*, Elvas *158*, Lisboa 94, Ponta Delgada 80 e *107* e S. Tomé *296*.

Estrangeiro: Brasil (2) e Itália. Total: 8 contactos.

CR6FA:

Portugueses: Dondo 29 e LUS, Nampula *246*, e S. Tomé (2) *296*.

Estrangeiro: África do Sul e Brasil (4). Total: 9 contactos.

Brigada Marítima D. Fuas Roupinho (CNE) — Luanda

Este agrupamento actuou em quatro postos: CA6IU, CR6RM, CR6SW e CR6FN. O chefe do agrupamento, o *Pirata da Perna de Pau*, como é denominado pelos seus rapazes, revela que o seu *navio* fez 102 *vítimas*, às quais vai enviar a *Bandeira Pirata*...

Eis os resultados observados nos quatro postos:

Portugueses: Algés *297*, Azambuja 27, Beira (5) 51, SJ e GSM, Benguela (3) 39, Cabora Bassa (2), Dondo (3) 29 e LUS, Elvas (2) *158*, Faro *98*, Funchal 24, *44 e 72*, Lisboa (5) 7, 94 e CNE, Lobito (2) 40, Lourenço Marques (8) *28, 61, 167*, AK, BP, 1.ª e 2.ª, Luanda (7) 36 DF, Malange (5) *271* e 1.ª, Nampula (5) *246*, Nova Lisboa (5) 43 e *156*, Ponta Delgada 80 e *107*, Porto (2) *10*, 15 e 33, Salazar (2) SG, Santarém *52*, S. Domingos de Rana *113*, S. Tomé (5) *296* e Vila Nova de Gaia (4) 41, 44 e 91.

Estrangeiro: África do Sul (4), Brasil (20), Chipre, Irlanda do Norte, Itália, Rodésia e Sudoeste Africano (2). Total: 102 contactos.

NUGAS

Continuação da pág. 4

a Verdade nua como os Antigos a conceberam, cada qual chamando *sua* à verdade relativa que defendem, quando não se trata de pura mentira para fundamentar direitos que se arrogam. A *minha* verdade pode divergir da *de outrem*, e o *meu* conceito de verdade pode contender com o do meu vizinho, ainda que se admita que ambos estejamos de boa fé.

Verdades há que se não querem ouvir e múltiplas são as razões que conduzem a tal atitude. Já Terêncio, o escravo forro a que me referi numa destas «nugas», na sua comédia *A Andriana*, escreveu: *Obsequium amicos veritas odium parit*, ou seja: «Se as finezas agradam aos amigos, a verdade produz o ódio». E Terêncio devia ter carradas de razão para escrever a sua frase, tendo por certo testemunhado milhentos casos que a ilustrariam fartamente.

Para sempre dizer a verdade é necessário possuir uma fibra moral difícil de encontrar nos dias de hoje. O meu leitor deve lembrar-se talvez daquele pitoresco António de Vilalobos, para os amigos o «Titó», que Eça de Queirós introduziu no entrecho de *A Ilustre Casa de Ramires*, homem que sempre dizia a verdade e disso se orgulhava. E tão elevado era o conceito que dele faziam os amigos, em particular o Fidalgo da Torre, que a simples afirmação de um facto, aliás veladamente aventado, leva Gonçalo Mendes Ramires a renunciar a um casamento que o faria rico.

Nos nossos tempos vertiginosos, não tem encontrado a Verdade muitos servidores, não já entre a população rasteira que moureja ao rés da terra, mas nas altas esferas e em todo o Mundo. Todos procuram ocultar a Verdade, não só aos olhos de outrem, mas e frequentemente (por estranho que pareça!) aos seus próprios olhos. E nenhum instrumento tem sido tão útil aos homens para chegar a tal fim como a Propaganda, essa arte e artifício, que tem levado a Mentira aos seus limites extremos.

Levar-me-ia isto muito longe se quisesse agora referir casos concretos a ilustrar o meu asserto. Deter-me-ei, porém, aqui para não alongar por demais esta «nuga». A ele me referirei, porém, um dia com o vagar que exige.

Se o Mundo atentasse melhor no aspecto construtivo que a Verdade sempre reveste e no que ela pode contribuir para o aperfeiçoamento moral do Homem, por certo que a marcha da civilização desde o fundo dos tempos teria sido outra muito diversa do que foi e a História ter-nos-ia oferecido panorama mais proveitoso e formativo do que as lutas constantes entre povos e entre homens ambiciosos, que pelo recurso à Mentira fizeram do Planeta vasta necrópole onde jazem civilizações ingloriamente desaparecidas, enquanto, por outro lado, figuras notabilíssimas não teriam sido ceifadas prematuramente, quando poderiam iluminar os caminhos dos homens, ao menos com o seu exemplo.

ESCOTISMO EM MOÇAMBIQUE

GRUPO N.º 51 — MACÚTI

Prática de vela

Prossegue com entusiasmo a prática da modalidade desportiva de vela, continuando os treinos com toda a regularidade sob a orientação do dirigente sr. Almeida, veterano desta especialidade desportiva.

Continuam as obras de ampliação com mais um anexo de sete metros, que servirá para hangar dos três barcos que o Grupo possui. Para auxiliar e vigiar os treinos foi posto à disposição do Grupo o barco a motor pertença da M. P.

Cantar as «Janeiras»

Para fecho das actividades de 1973, as patrulhas, em colaboração com as Guias, ensaiaram as «Janeiras» que cantaram pelas portas do bairro de Macúti, onde têm a sua sede, pela passagem do ano e dias seguintes. Com a iniciativa conseguiram fundos para adquirir uma tenda.

Primeiro Acampamento de 1974

Aproveitando as férias da época, as patrulhas realizaram um acampamento que teve início em 8 e terminou em 15 de Janeiro e decorreu numa sã camaradagem.

A. Horta

«SEMPRE PRONTO»

Acompanhado de amável ofício, foi-nos muito grato receber da Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal um cheque de quinhentos escudos, como oferta para auxílio das despesas de publicação do nosso jornal.

Trata-se de uma oferta que, para além do auxílio financeiro que representa, tem para nós um significado especial como manifestação de simpatia, que nos anima no esforço que vimos fazendo para manter este facho de divulgação do movimento escoteiro.

Reconhecidamente agradecemos.

O PROGRAMA ESCOTISTA – 3

(Continuação dos n.os 342/343)

Por CARL A. LINSTÉN

Tipos de chefia

A ideia que hoje se tem do papel de chefe é completamente diferente daquela que se tinha antigamente, o que exerceu evidentemente uma influência significativa sobre o estabelecimento de novos programas. Então, o chefe aparecia como a pessoa que sabia fazer as coisas melhor que os outros e que podia dizer aos rapazes o que fazer e como fazer, enquanto o chefe moderno aparece como aquele que cria as fontes do saber, assim como as condições necessárias para aqueles que se devem instruir, desenvolvendo-se e aprendendo.

A velha imagem do domador e do jardineiro, bem conhecida de todos os educadores, parece talvez ter sido tomada a sério. O chefe desempenha e preenche o papel do jardineiro e não o de domador de leões, pois cria as condições indispensáveis para o crescimento e o desenvolvimento individuais. Ele não força o indivíduo a adoptar um comportamento de antemão decidido por ele.

Se bem que Baden-Powell tenha baseado o programa escotista num método activo de descoberta (aprender pela experiência), parece que só recentemente é que foram reconhecidas as implicações deste método na chefia. O chefe proporciona aos jovens as condições necessárias para a descoberta do seu próprio caminho a fim de atingir os objectivos e aprender pela experiência.

O chefe, o professor, o director não é aquele que toma a dianteira da cena em presença de um auditório mais ou menos passivo, mas aquele que descobre os recursos e cria as motivações e as condições exigidas pelas actividades dos que aprendem.

Num relatório, fez-se expressamente realçar que a chefia é função da situação, assumida pela pessoa ou pessoas que ajudam o grupo a prosseguir o seu fim. O que mostra qualidades de chefia em certas condições, pode as não mostrar em condições diferentes. Pensa-se que esta concepção mais larga de chefia se presta melhor para a formação de um número limitado de guias de patrulha, visto dar maior flexibilidade às funções do guia no seio da patrulha.

A chefia tal como é encarada nos novos programas (tanto ao nível elementar como ao nível adulto) é do tipo democrático orientado para o grupo, que se baseia sobre a confiança mútua existente entre os membros do grupo.

Esta nova concepção influenciou os novos programas de diversas maneiras. Os mais importantes são, por exemplo, os seguintes:

— participação mais completa dos jovens na tomada de decisões e na planificação dos seus próprios programas;

— uma maior flexibilidade nas funções de guia de patrulha (guia de patrulha eleito por tempo limitado ou escolhido para um dado projecto da patrulha);

— introdução de ideias como «a ruptura das atitudes autoritárias dominantes», «a ruptura das hierarquias» e a «chefia na igualdade»;

— uma atitude tendente a encorajar e a dar capacidades, mais do que a de dirigir, é uma condição prévia da entrada em execução dum sistema de patrulhas que corresponde melhor ao tipo grupo «natural» *(Peer Group)*.

Natureza e sentido de ambiente

Duas tendências se encontram postas em evidência: uma consiste em continuar a pôr em evidência a natureza e as actividades do ar livre; a outra, um alargamento desse conceito, a fim de se incluírem aí relatórios sobre todos os seres viventes e o seu ambiente. Por este motivo, o que afirmou Baden-Powell, «*o escoteiro é amigo de todos os animais*», implica hoje uma preocupação quanto ao ambiente do ar livre tomado no seu conjunto.

Pelo menos nos países industrializados, a parte do ar livre do programa é, aos olhos do público, não somente a mais visível, mas também a parte mais positiva do escotismo. É a vida ao ar livre que, em numerosos países, dá ao escotismo a sua característica mais marcante.

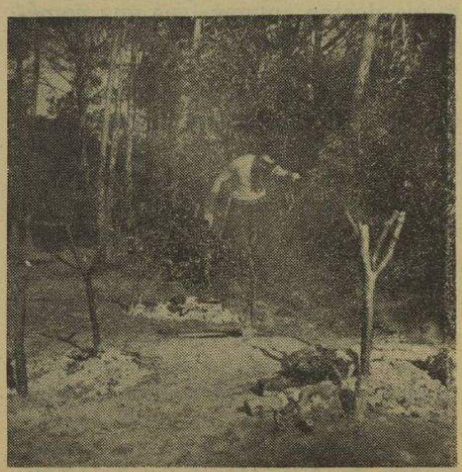
Segundo Baden-Powell, três quartas partes do Escotismo são exercidas ao ar livre, tendo sido ele próprio que deu a

Continua na pág. 11

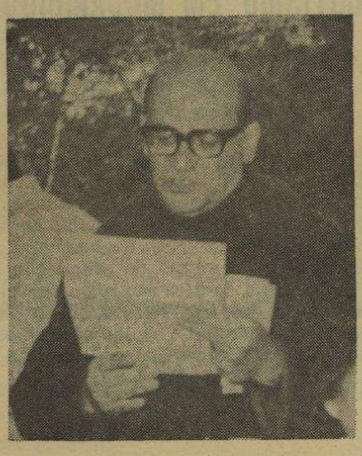
29 ANOS DE «SEMPRE PRONTO»

REUNIÃO FAMILIAR

Para comemorar a passagem do 29.° aniversário de «Sempre Pronto», a pequena equipa constituída por quantos trabalham no nosso jornal e alguns familiares juntaram-se num almoço cheio de significado escotista, que teve lugar no Parque de Escotismo da Caparica amavelmente cedido para o efeito pela Direcção da A. E. P.



À velha maneira escotista se preparou o almoço de confraternização do nosso jornal



O nosso director Eduardo Ribeiro lendo a mensagem de saudação a «Sempre Pronto»

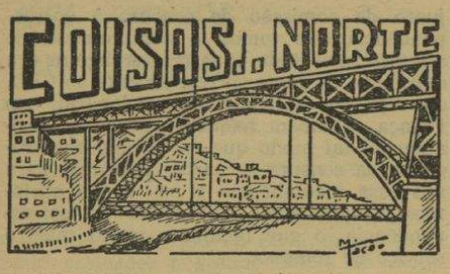
O repasto, que foi preparado na fogueira por elementos da redacção e do Parque, com a excelente colaboração de algumas senhoras, decorreu em ambiente de camaradagem, numa demonstração evidente de espírito de companheirismo que preside a todos os sectores do nosso jornal.

O director, acentuou em palavras simples o significado da reunião, leu alguns telegramas de saudação que nos foram dirigidos e lamentou a ausência de Ernesto Clímaco do Nascimento, retido em casa por doença, fazendo votos pelo seu restabelecimento.

Por vontade unânime dos presentes foram enviadas mensagens de saudação e agradecimento à Associação dos Escoteiros de Portugal e aos nossos mais antigos e dedicados colaboradores, os bons amigos srs. Rev. Eduardo Moreira, prof. Álvaro Dória e Jacinto dos Reis Moniz Silva.



Em ambiente de franca amizade recordamos os 29 anos de canseiras, alegrias e tristezas



Festa no Asilo dos Lázaros — Porto

Os grupos do Porto e de Gaia realizaram, no dia 22 de Dezembro, uma festa no Asilo dos Lázaros que se destina a pessoas idosas de ambos os sexos.

A festa constou de números recreativos apresentados pelos escoteiros, culminando com a apresentação de uma parelha de palhaços que levou o riso a todos os presentes.

Os escoteiros presentearam com chá e bolos todos os residentes naquela instituição.

Comemorações do primeiro aniversário do Grupo N.º 30

No mesmo dia, o Grupo n.º 30, da Figueira da Foz, comemorou o primeiro aniversário da sua fundação.

Às 15,30 horas, todos os elementos dos Grupos presentes alinharam frente ao mercado, de onde saíram, sob formatura comandada pelo E. C. Manuel da Silva Teixeira, através das principais ruas da cidade encaminhando-se para a sede do Ginásio Clube Figueirense.

No grande salão de festas daquele Clube deram-se início às comemorações, com os componentes dos Grupos presentes devidamente alinhados cantando o hino da A. E. P.

O Chefe da Região Norte da A. E. P., E. C. Arnaldo Eduardo Couto, abriu a sessão dirigindo palavras de saudação às autoridades civis, militares, antigos escoteiros, aos Grupos e público, que assistiu em grande número.

Tomando de seguida a palavra, o Rev. Padre Manuel Silva, referiu-se ao aniversário do grupo em festa.

Após aqueles actos, seguiu-se a imposição do lenço à madrinha do Grupo n.º 30, D. Maria Margarida Couto, pelo Chefe do Grupo E. C. Francisco Alberto da Silva Neves.

Recebidas pela Chefe de Alcateia do Grupo, E. C. Isabel Alice Almeida da Silva Neves, seguiram-se as promessas de seis novos lobitos.

O Chefe Regional aceitou depois o compromisso de honra do Chefe-Ajudante do Grupo n.º 30, E. C. Carlos Alberto Pedro Coelho e de dois novos escoteiros.

Findas aquelas cerimónias, seguiu-se um acto de variedades, no qual tomaram parte elementos dos Grupos n.º 26, 30, 44 e 91 da A. E. P. e componentes do Agrupamento n.º 235 do C. N. E.

Elementos deslocados a Quiaios e à Figueira da Foz

Sob a direcção do Chefe dos Serviços de Propaganda e Expansão da Região Norte da A. E. P., E. C. Jorge Dias Fernandes, partiram da Praça da Batalha, no Porto, às 8,30 horas do dia 27 de Janeiro passado, os componentes dos Grupos nortenhos que se deslocaram a Quiaios e à Figueira da Foz, em número de 82 pessoas.

Entretanto, outros 17 elementos haviam já partido de automóvel, o que dá a seguinte distribuição:

Grupo n.º 4, 11; Grupo n.º 15, 7; Grupo n.º 17, 9; Grupo n.º 26, 19; Grupo n.º 32, 5; Grupo n.º 41, 10; Grupo n.º 44, 13; Grupo n.º 91, 13; Grupo em formação do Infante (Porto), 4; Grupo em formação de Fânzeres (Gondomar), 1; e Chefe Regional; também acompanharam 5 familiares de Escoteiros.

Além dos números acima indicados, estiveram também presentes nas sessões atrás referidas 20 Escutas do Agrupamento n.º 235 do C. N. E. e 14 Guias da 1.ª Companhia de Guias da Figueira da Foz.

Foi uma bela jornada de boa camaradagem, para o que muito contribuiu o dinamismo do E. C. Francisco Alberto da Silva Neves, bem como do Chefe da Região Norte, E. C. Arnaldo Eduardo Couto.

Reuniões de Chefes

Estão marcadas, em princípio, reuniões mensais dos Chefes dos Grupos da Região Norte, nas primeiras terças-feiras de cada mês, para trocas de impressão.

GRUPO N.º 32 — VIZELA

Esta unidade dos Escoteiros de Portugal levou a efeito, nos meses de Novembro e Dezembro, um concurso de desenho e composição literária sob o tema «O Natal». A particularidade interessante daquela actividade é que a mesma não era destinada a escoteiros, mas a rapazes e raparigas alheios ao movimento.

Dessa forma foram lançados convites às escolas primárias, secundárias e, também, a todas as organizações que trabalhassem com jovens.

No passado dia 6 de Janeiro realizou-se uma festa, na Casa do Povo de Vizela, para entrega dos prémios aos vencedores do certame e, no final, foram projectados filmes de propaganda escoteira.

Inauguração do Grupo N.º 34

No dia 27 de Janeiro passado, a Região Norte da A. E. P. procedeu à inauguração do Grupo n.º 34, de Quiaios, Figueira da Foz, com o seguinte programa:

Concentração em frente à igreja de Quiaios, para a Guarda de Honra ao Chefe Regional, E. C. Arnaldo Eduardo Couto, e outros Chefes presentes; Missa pelo Rev. Padre Manuel Silva; palavras de saudação pelo Chefe do Grupo António Manuel Silva; cerimónia do compromisso de honra do Chefe e do Chefe-Ajudante Carlos Alberto Parente Abreu; promessa dos lobitos do Grupo, recebida pela Chefe de Alcateia do Grupo n.º 30 e compromisso de honra dos Escoteiros e Caminheiros do Grupo.

As cerimónias decorreram no interior do templo de Quiaios, dirigidas pelo Chefe Regional, E. C. Arnaldo Couto; Chefe do Grupo n.º 30, E. C. Francisco Alberto da Silva Neves e pelo Rev. Padre Manuel Silva, Presidente da Direcção do Grupo n.º 34.

Os componentes dos grupos presentes percorreram as ruas da vila de Quiaios, em formatura, ao som dos tambores e caixas, levando à frente as bandeiras nacionais, da Região Norte e dos grupos.

Grupos em Formação

Está-se trabalhando nesta Região no sentido de conseguir a abertura de novos grupos, estando em perspectiva um no Porto, um em Fânzeres e outro em Esposende.

Formada a Região Norte

A região Norte já está em actividade! A notícia chega-nos do nosso correspondente do Norte e diz-nos que a região tem a sua sede no Largo do Priorado, 138, Porto. O novo chefe regional é o nosso estimado amigo e colaborador sr. Arnaldo Couto que já chefiou o Núcleo de Gaia.

Propaganda e expansão

O Chefe deste sector da Região Norte, tem projectado um programa, para tratar junto da imprensa diária do Porto e de outras cidades ou vilas nortenhas onde existam grupos de Escoteiros.

Igualmente projecta encontros, para apoio e incremento escotista, junto de responsáveis da Rádio e Televisão.

Pretende também aquele Chefe contactar com antigos Escoteiros da Região Norte, a fim de tentar uma reunião de interesse mútuo, podendo os elementos interessados dirigir a correspondência para: Jorge Dias Fernandes, Rua Monte da Estação, 343-3.º E., Porto, com o telefone 52304. — J. D. F.

«SEMPRE PRONTO»

Delegação no Norte

O Escotismo na Região Norte tem registado um desenvolvimento notável, a que «Sempre Pronto» não tem podido dar a cobertura devida por falta de elementos de informação, apesar de termos feito diversas tentativas para obter a colaboração de correspondentes naquela zona. Tendo exposto o problema ao Chefe Regional do Norte, sr. Arnaldo Eduardo Couto, que foi o primeiro delegado do nosso jornal no Norte, graças ao interesse deste amigo foi possível conseguir a adesão entusiasta do dirigente escoteiro sr. Jorge Dias Fernandes, elemento que ainda recentemente desempenhou com eficiência o trabalhoso cargo de secretário do Acampamento Nacional.

O chefe Dias Fernandes prometeu-nos uma colaboração assídua, pelo que, estamos certos, «Sempre Pronto» vai poder informar os seus leitores acerca das actividades e desenvolvimento do Escotismo não só no Porto e Gaia, mas também noutras cidades e vilas aonde o Movimento tem ultimamente chegado.

O novo colaborador, a quem apresentamos as boas-vindas, foi nomeado Delegado no Norte, ficando agregados à Delegação os nossos antigos correspondentes chefes Arlindo Guedes Maia e Horácio de Paiva.

Idealistas mas não ingénuos

Continuação da pág. 1

Mas há outro erro muito comum que deve ser evitado. Cair no lado oposto. Como os ideais escoteiros podem não ser vulgares na vida de cada dia, colocá-los de lado, como doutrina ultrapassada, pouco prática, será negar o próprio Escotismo. Nós seguimos regras honestas, que enformam os grandes princípios do Homem e podem preparar para a vida caracteres válidos, personalidades ricas, capazes de exercer influência benéfica na sociedade. Somente não devemos ser colhidos de surpresa pelos *Bandarlog* que sorriem dos nossos ideais; pelos abutres que tudo traduzem por lucro e poder; pelos fracos, incapazes de um esforço por uma obra de abnegação. Convém escutar o conselho de Jesus Cristo aos seus discípulos: *Eis que vos envio como ovelhas no meio de lobos; portanto, sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas.*



João Clímaco do Nascimento

Depois de prolongada doença, faleceu, no dia 25 de Janeiro p. p., o nosso querido amigo e assinante sr. João Clímaco do Nascimento.

Escoteiro da alvorada do movimento, Clímaco ingressou em 1914 no Grupo n.º 1 que tinha a sua sede na rua das Gaivotas.

Dedicado e disciplinado, foi mais tarde subguia e guia de patrulha e, ainda, nos caminheiros, guia da Equipa Infante D. Henrique.

Notabilizou-se, porém, como dirigente, chefiando durante vários anos, no Ateneu Comercial de Lisboa, o Grupo n.º 9 dos Escoteiros de Portugal, sucedendo na chefia ao Coronel Joaquim Borrego.

Foi também grande impulsionador do escotismo na Associação onde desempenhou o cargo de chefe geral adjunto, tendo dirigido variadas actividades entre as quais o 7.º acampamento nacional na Quinta da Fonte, em Benfica, e tomado parte da equipa organizadora do 10.º Nacional, em Carcavelos, no ano de 1950, altura em que se retirou do activo do movimento dedicando-se então à Fraternal dos Antigos Escoteiros.

Foi ainda instrutor de Campismo da Mocidade Portuguesa no Liceu Gil Vicente.

João Clímaco do Nascimento era membro duma família quase na totalidade ligada ao Escotismo e era pai das senhoras D. Maria Fernanda e D. Maria Helena e do sr. Luís João do Nascimento. Era irmão do nosso companheiro de equipa Ernesto Clímaco do Nascimento, do sr. Virgílio Coelho Nascimento e das senhoras D. Ernestina Coelho Nascimento, D. Maria Luísa Coelho Nascimento Luís e de D. Perpétua Coelho Nascimento Pereira, tendo as duas últimas senhoras pertencido à D. A. F. (Divisão Auxiliar Feminina dos Escoteiros de Portugal).

No préstito incorporaram-se muitos antigos escoteiros do Grupo n.º 9, representantes da Direcção dos Escoteiros de Portugal, da Fraternal dos Antigos Escoteiros, sendo a urna coberta com a bandeira do Grupo que durante tantos anos chefiou.

«Sempre Pronto», que se fez representar pela sua equipa de redacção, expressa as suas sentidas condolências a toda a família, em particular ao nosso companheiro de trabalho Ernesto Clímaco Nascimento.

Perfil dum escoteiro

Conheci-o no Grupo n.º 1 onde ele era o escoteiro n.º 88 e eu o 113, portanto, o João Clímaco era mais velho do que eu no movimento. Rapaz desempoeirado era muito cumpridor, disciplinado e disciplinador... só tinha unicamente um contra: não era pontual, no resto era formidável.

«CORREIAS, CORREIOS e TIROTEIOS»

Para nós o Clímaco era conhecido pelo «correias, correios e tiroteios», nome que teve antecedência lógica como vou passar a contar.

«Correias», porque havia na Rua dos Fanqueiros uma loja de cabedais, das mais importantes de Lisboa, chamada Adolfo



Luz, mesmo defronte da casa onde ele morava. O pai do Clímaco, que era uma excelente pessoa, muito amigo do Grupo 1, juntamente com o filho ajudava-nos na questão do equipamento.

Nós éramos o grupo que se apresentava melhor equipado em correias, cintos, cartucheiras, alças, etc., o Clímaco era muito habilidoso e, por isso, era o homem das «correias».

Nessa altura era ele subguia da patrulha Cavalo e o guia o Cosme Vieira Leitão, que posteriormente foi chefe do Grupo 1.

Por volta de 1919, quando foram organizados os seniores (caminheiros) o Clímaco foi eleito guia da patrulha Infante D. Henrique, da qual eu era o subguia. As cores da patrulha relacionavam-se com as cores do Infante, ou sejam as cores da bandeira de Lisboa, o preto e branco.

No que diz respeito à parte dos «Correios», o cognome teve muito mais valor. Em 1917 deu-se a greve dos Correios e houve um edital afixado nas ruas de Lisboa, assinado pelo sr. coronel Sidério Pessa, que mobilizava os elementos da Instrução Preparatória e os escoteiros. O grupo nessa altura estava afastado da A. E. P. e houve uma oportunidade de nós podermos andar livremente fardados. Fomos mobilizados, considerados escoteiros, mas teve que haver uma diligência junto do então ministro da guerra, Major Norton de Matos, feita pelos ministros da França, Inglaterra e Estados Unidos que eram muito nossos amigos uma vez que frequentavam a U. C. M.

Nos dias 1 e 2 de Dezembro havia um bazar na União Cristã da Mocidade, especialmente preparado para as colónias estrangeiras. Os escoteiros eram os que mais trabalhavam e principalmente o Clímaco nas decorações. Nós apanhávamos para o grupo sempre um donativo e houve um ano que conseguimos cem mil réis... uma pequena fortuna para nós, naquele tempo.

Houve a greve, os escoteiros foram chamados a prestar serviço, mas nós não ficámos ao pé dos da A. E. P. Esses tinham a parte de telegramas e outros serviços.

Da parte do 1, eu fui 1.º dactilógrafo e secretário de um Capitão para organizar a lista de presos para mandar para bordo do chamado couraçado *Vasco da Gama*.

Depois daquele trabalho apresentei-me ao Clímaco que estava à frente da 4.ª ou 5.ª secção que dizia respeito à correspondência estrangeira.

Os grevistas tinham retirado os rótulos e colocado as coisas de modo a não se fazerem as expedições. O Clímaco organizou aquilo de tal forma que muito tempo depois da greve ter terminado os correios ainda aproveitavam o trabalho dele. Conseguiu também misturar-se de tal forma junto da comissão de censura à correspondência que tomou o compromisso de nós fazermos toda a parte estrangeira e a expedição da parte correspondente ao CED, ou seja dos soldados expedicionários em França. Também naquele serviço se insinuou de tal modo que os oficiais encarregados da censura às cartas passaram para nós essa incumbência e nós é que abríamos e apúnhamos o carimbo na correspondência, o que facilitava muito mais o serviço de remessa.

Na questão dos «tiroteios», desde que cheirasse a pólvora aí estava o Clímaco na rua para acudir aos feridos.

Neste capítulo podemos considerá-lo um verdadeiro herói.

Quando foi o 14 de Maio de 1915, ele já devia ter andado na rua a prestar socorros.

Quando aconteceu o 5 de Dezembro de 1917, ou seja o chamado «5 de Dezembro do Sidónio», ele arrastou-me a mim, a um rapaz chamado António Joaquim Ribeiro, subguia da patrulha Galo e ao Faria Gouveia. Nós quatro fomos então, comandados por ele, ali para o Rato, exactamente para a escada do prédio 26 da Rua S. Filipe Nery.

Foi um sarilho, o tiroteio abundava: da parte do Rato os democráticos, marinheiros e civis, da parte de cima o exército que estava no Parque Eduardo VII.

Nós resguardávamo-nos na escada à espreita duma oportunidade para recolher os feridos que para ali estavam caídos.

O Clímaco não esperou mais: saiu a correr, debaixo de fogo, vai à Rua da Escola Politécnica, ao sítio onde hoje fica a Sociedade Portuguesa de Automóveis, porque ali havia junto a uma padaria um posto de socorros. Subiu o gradeamento onde ficava o posto, tirou de lá a bandeira da Cruz Vermelha e, agitando-a, veio à Rua de S. Filipe Nery. Conseguiu o cessar fogo e então nós saímos da escada e com as macas acarretámos os feridos que pudemos e logo a seguir recomeçou o tiroteio.

Foi um herói!

Na parte escoteira, ou seja em actividades, para ele havia saídas todas as semanas para exercícios de fotografia.

Arranjava uma ou duas patrulhas, eu fui algumas vezes com ele e também um rapaz chamado Luís Raposo que se tornou seu cunhado por se casar com uma irmã, e lá íamos principalmente para o Alfeite descobrir locais para acampar ou para Rio de Mouro onde vimos locais para grandes acampamentos.

Foi numa destas incursões que o João Clímaco «descobriu» a Quinta da Fonteireira, mais tarde posta à disposição de todos os escoteiros.

Comprávamos plantas topográficas, cartas do Estado Maior e tínhamos os sinais convencionais todos bem sabidos, ele era de facto dextro em topografia.

Era um rapaz formidável, com jeito para tudo o que fosse decorações e desenho.

Um dia fizemos um bazar no grupo, assim a modos como um coreto à moda do Minho, pois ele até conseguiu arranjar um fungagá para ali tocar... conseguiu desenrascar tudo.

Porém, tinha um feitio especial: gostava que tudo fosse perfeito e que todos se mostrassem bem comportadinhos... se isso não acontecia era o diabo... Zangava-se e não era nada bom naquela altura.

Coligido de uma conversa telefónica com o E. C. Albano da Silva

DOS AMIGOS DE «SEMPRE PRONTO»

DE LUTO

António Sérgio da Silva

No dia 13 de Dezembro p. p., faleceu o sr. António Sérgio da Silva, nosso estimado assinante e grande amigo do escotismo, e pai do antigo guia do Grupo n.º 93 sr. Fernando Sérgio Laranjeira da Silva, um dos elementos que compunham a deputação portuguesa ao Acampamento Nacional de Patrulhas, que se realizou em 1954, em S. Paulo (Brasil).

O extinto, ultimamente comerciante em Ranholas (Sintra), foi durante longos anos radiotelegrafista da Armada, tendo permanecido muito tempo em Macau. Tinha grande admiração pelo Escotismo e procurava sempre estreitar as relações de amizade com membros do nosso movimento, mostrando sempre a sua jovialidade e bom espírito de serviço.

À família enlutada, e em especial ao nosso antigo camarada sr. Fernando Laranjeira Silva, *Sempre Pronto* manifesta o seu muito pesar.

D. Maria Beatriz Vieira Ramos

Em 4 de Fevereiro corrente, faleceu no Porto a sr. D. Maria Beatriz Monteiro de Meira Vieira Ramos, mãe do nosso estimado amigo e assinante sr. dr. Fernando Monteiro de Meira Vieira Ramos, dedicado chefe do Grupo 33 da A. E. P. e do sector de Formação e Treino da Região Norte, a quem apresentamos as nossas mais sentidas condolências.

DOENTE

A sr.ª D. Cristina de Sousa, esposa do nosso amigo sr. Domingos de Sousa, da equipa do Parque de Escotismo da Caparica, foi recentemente operada à vista, mas felizmente encontra-se em vias de restabelecimento, que desejamos completo e rápido.

*

Encontra-se muito doente o antigo escoteiro sr. Filipe Lopes Ramos, que pertenceu ao Grupo 2 por volta do ano de 1922. Os votos de prontas melhoras.

«FLOR-DE-LIS» E «SEMPRE PRONTO»

Ressurrecta da crise que chegou a pôr em jogo a sua existência, a *Flor-de-Lis* está chegando com regularidade às mãos dos seus leitores, facto com que todos nos alegramos e de que o movimento escotista só tem a ganhar.

Por este motivo e também pelas palavras amigas que os seus editores têm dedicado ao nosso jornal, aproveitamos o ensejo para retribuir as saudações que nos têm sido endereçadas.

A propósito da reportagem que o nosso colaborador e companheiro Mariano Garcia publicou acerca do Acampamento Nacional do CNE, lemos com aprazimento que este nosso estimado camarada fora eleito *Repórter Jubilar*, honra que foi também concedida a Afonso Cautela, de *O Século*, e a Carlos Monteiro, da *Época*.

Agradecemos a distinção conferida a Mariano Garcia, que premeia as suas reconhecidas qualidades de trabalho e a sua dedicação ao Escotismo, ao mesmo tempo que manifestamos o nosso regozijo com o espírito de amizade e companheirismo revelado pelos homens da *Flor-de-Lis* para com este jornal.

ADMINISTRAÇÃO

Número duplo

Em face da grande quantidade de original que tínhamos em carteira, a maior parte dele constituído por noticiário das actividades dos nossos grupos de escoteiros, que, a não ser publicado neste número, perderia a oportunidade, resolveu *Sempre Pronto* editar um número duplo de 12 páginas.

Esta decisão integra-se nas providências que somos obrigados a tomar para fazer frente ao agravamento das despesas com a composição e impressão do jornal.

Sempre Pronto confia mais uma vez na compreensão que os nossos estimados Assinantes e Amigos têm sempre manifestado perante as nossas dificuldades.



HÁ 20 ANOS

"SEMPRE PRONTO"

PUBLICAVA:

O BIVAQUE-SURPRESA

O Grupo n.º 6, de Olhão, continua em plena actividade. (...) Assim, em meados de Novembro *(1953)*, levou este Grupo a cabo um interessante exercício. (...) Ao saírem da sede, o chefe entregou a direcção do Grupo ao guia da patrulha *Galo* e, como a marcha era de facto à aventura, o percurso foi dividido em várias etapas, cada uma das quais era chefiada por um dos guias das patrulhas, que conduzia o Grupo para onde melhor lhe parecia. Quando os escoteiros chegavam a locais propícios ao desenvolvimento de actividades que o chefe tinha em mente, mas que os outros escoteiros desconheciam, aquele mandava fazer alto, retirando o comando do Grupo ao guia que então o chefiava.

Na primeira paragem, o chefe reuniu o Grupo e comunicou-lhes que nas proximidades tinha caído, ainda não há muito tempo, um avião. Tornava-se, pois, necessário procurar os possíveis feridos e trazê-los para aquele local, onde receberiam os primeiros socorros que o seu estado aconselhasse. Antes, porém, cada patrulha montou uma tenda improvisada com panos de chão que cada uma levava, a qual iria servir como posto de socorros de emergência, junto de cada qual ficou um escoteiro apto a receber mensagens por homógrafo e outro em condições de tratar os *feridos*. Cada patrulha era obrigada a dispor de dois maqueiros, um dos quais com conhecimentos suficientes de homógrafo.

Os escoteiros restantes foram espalhados pelas redondezas, a fazerem de *feridos*, escondidos e com um papel preso à camisa, explicando a sorte de *ferimento* que haviam sofrido, como, por exemplo, coxa direita fracturada, choque nervoso, hemorragia arterial em tal parte do corpo, etc.

O local onde se encontravam era uma pequena elevação, boa para transmissões e recepções por homógrafo. Armadas as tendas, os maqueiros partiram em busca dos *feridos*. Logo que encontravam algum, dirigiam-se para local apropriado para transmitir para a *base* que género de acidente o *ferido* apresentava. Cada patrulha tinha o seu sinal de reconhecimento, para que os escoteiros encarregados das recepções soubessem quem transmitia, porque só poderiam tomar conta das transmissões feitas pelos da sua própria patrulha. Após a transmissão, os maqueiros improvisavam a maca com as varas e espias e traziam os *feridos* para o posto de socorros da sua patrulha, onde eram *tratados*, sob a vigilância do chefe e do instrutor do grupo.

(...) Depois do acampamento levantado, prosseguiu-se a marcha... Ao fim (...), as patrulhas voltaram à sede, depois de um dia de actividades puramente escotistas.

ESCOTISMO NO FUNCHAL

GRUPO N.º 24

Encontra-se de licença nesta cidade, o antigo escuta do Grupo n.º 5 (CNE) sr. Agostinho Alves, que se encontra a prestar serviço militar em S. Miguel (Açores). Também aqui se encontra o antigo chefe do Grupo 55 (CNE), sr. João Olavo Vieira Gouveia de Jesus, acompanhado de seus irmãos srs. José Armando e José Vieira, também escutas, em gozo de férias. Estes amigos encontravam-se há 15, 12 e 9 anos, respectivamente, no Brasil, em Lisboa e em Luanda.

O Chefe de Clã do «24» sr. Paulo César de Sousa encontra-se no Porto em serviço militar.

DOENTE

Tem estado doente e internado no Hospital dos Marmeleiros, o sr. dr. Joaquim Costa, membro da Comissão de Patrocínio do Grupo 24, a quem apresentamos votos de pronto restabelecimento.

Calendários Escotista e Guidista

O dirigente escotista nortenho sr. Bernardino A. B. Teixeira editou, para o ano corrente, calendários parietais, sendo um, de grande formato, dedicado aos escoteiros, e outro, de formato um pouco menor, dedicado ao movimento guidista. Ambos são ilustrados com boas fotografias de actividades escotistas e guidistas e são muito próprios para sedes de grupos e de companhias e de residências de escoteiros.

Os pedidos destes interessantes calendários podem ser dirigidos ao sr. Bernardino A. B. Teixeira, Rua do Infante D. Henrique, 39-3.º, no Porto.

Agradecemos os exemplares que nos foram oferecidos.

Uma grande oportunidade!

Se o leitor gosta de colecções, tem agora uma boa oportunidade de adquirir todos os exemplares de «Sempre Pronto» até ao número 300, excepção feita para o número um que será oferecido em fotocópia por se encontrar completamente esgotado.

Esta colecção interessa, particularmente, aos grupos de escoteiros porque o jornal encerra nas suas páginas todo o panorama escotista, desde os assuntos históricos nacionais e estrangeiros até à técnica escoteira inserida nas provas de classe.

Recentemente só dispomos de seis colecções que estarão ao dispor de quem primeiro as solicitar.

Aos grupos de escoteiros faremos condições especiais de venda.

*

Também temos possibilidade de atender pedidos para envio de jornais de que os nossos leitores tenham necessidade para completar as suas colecções.

A Administração

ANTIGOS ESCOTEIROS

1950

A Tertúlia dos Antigos Escoteiros no Grupo Um

A Fraternal dos Antigos Escoteiros vai dar início aos seus encontros com os Grupos de Escoteiros.

Assim, no dia 24 de Março p. f., a reunião da Tertúlia será dedicada ao Grupo n.º 1, durante a qual será levado a efeito um variado programa em que os «antigos» terão oportunidade de visitar este histórico grupo e de contactar com os seus actuais elementos.

Às 10 horas, na sede da A. C. M. (Rua de S. Bento, 329-2.º) realizam-se encontros de futebol de salão entre equipas de antigos e actuais escoteiros, seguidos de desafios de pingue-pongue. Entre as 13 e as 13 ½ horas, inicia-se o almoço da Tertúlia, num restaurante próximo da sede do Um, onde se reunirão também os actuais chefes e alguns dos escoteiros do grupo. Durante o almoço, inicia-se o inquérito *Em que é que o Grupo Um mais conta para si?*

Após o almoço, efectua-se a visita à sede do grupo e às modelares instalações da ACM, durante a qual os visitantes terão ocasião de admirar a exposição de velhas fotografias do Um subordinada ao tema *Escreva aqui sua legenda*, para a qual são convidados todos os presentes a identificar as fotografias e pessoas nelas focadas, a fim de figurarem no álbum de recordações deste velho Grupo.

Para esta memorável reunião, são convidados, em especial e como é natural, os antigos escoteiros do Um, mas todos os «antigos» serão bem-vindos a este ambiente de confraternização e de confiança nos princípios do escotismo.

A Fraternal agradece a todos que queiram estar presentes no almoço da Tertúlia lhe dêem conhecimento disso, para a Rua de S. Paulo, 254-1.º ou através dos seus dirigentes, com pelo menos três dias de antecedência, a fim de serem reservadas as mesas no restaurante.

Outras reuniões deste género serão dedicadas aos vários grupos de escoteiros.

Procura-se nova designação para a Associação Mundial

A associação mundial de antigos escoteiros e antigas guias designa-se em inglês «International Fellowship of Former Scouts and Guides», em francês «Amitié International des Scouts et Guides Adultes», designação que a muitos se afigura demasiado longa e mal adaptada. Acresce ainda que se adapta particularmente mal à língua alemã na qual «scout/guide adulte» resulta uma fórmula infeliz. Também em alemão não há distinção entre «antigo» e «velho».

O Conselho da associação lança por isso um concurso entre todos os antigos escoteiros para encontrar uma nova designação. O título a propor deve ser traduzível facilmente do francês para o inglês, alemão, etc.

Deverá fazer referência ao escotismo/guidismo.

Deverá ser mais curta que o nome e ter impacto.

As propostas devem ser remetidas dentro de 90 dias directamente à associação internacional, Rue aux Laines, 28, 1000 Bruxelas — Bélgica, ou através da Direcção da nossa Fraternal.

Aniversário da Secção Filatélica

No dia 23 de Janeiro, realizou-se uma reunião de convívio pelo 16.º aniversário, no restaurante Napolitano, coincidindo com o dia da tertúlia.

Estiveram presentes 25 companheiros e suas famílias decorrendo o jantar com saudável animação e compreensão escotista.

Telefonaram justificando a sua ausência por motivos de saúde e deveres profissionais os companheiros: Dr. Eugénio Ramos, Brigadeiro A. Esteves Pereira e D. Jesuína Aurélio cuja consideração demonstrada muito sensibilizou a assistência e nos fez recordar os primeiros tempos de tertúlia em que eram tão frequentes estes gestos amigos.

E porque não reatar estes velhos hábitos tão escotistas?

Parabéns ao companheiro Ernesto Clímaco Nascimento, dedicado animador da secção festejada, que continue a sua simpática missão.

A Fraternal fez a despedida do ano

Com apresença de três dezenas de companheiros e suas famílias, realizou-se na nossa sede por economia de trabalho, pois continuamos a não dispor de colaboração para realizar o que pretendemos; aguardamos melhor oportunidade, que estamos certos virá.

Ao iniciar a última actividade do ano, o presidente Dr. Eugénio Ramos quis justificar a situação do momento com a morte do companheiro Gustavo Pereira da Costa e a impossibilidade de alterar o que fora estabelecido por tratar-se apenas de uma reunião de convívio.

Desejou a todos um fim de ano agradável e que o próximo nos seja mais favorável.

Contava-se com a presença do companheiro Eduardo A. Rolão que preencheria com muito agrado um programa de ilusionismo, surpresa da noite!

Até hoje não houve qualquer explicação, o que nos penalizou, mas, como o escoteiro tem iniciativa como a lei ordena, foi elaborado um programa de recurso no qual se distinguiram os companheiros:

Miguel Martins, Fernando Marinho, Virgílio Moreira e as duas pequenitas Martins, que deliciaram a assistência pela sua graça.

A terminar o programa, todos se dirigiram para a sala anexa onde foi servido com acentuado bom gosto as saborosas ofertas, algumas de bem nível artístico, e ao costume escotista. Em animado ambiente de amizade foram levantados vários brindes pelas felicidades de todos e a saúde dos companheiros ausentes e desejos da presença sempre maior dos companheiros e familiares.

Nota curiosa: sintomática, foi a presença muito apreciável de novos companheiros e suas famílias. Com a sua juventude trazem à Fraternal a promessa de renovação que há tanto se impõe e que temos de aproveitar, tanto mais que demonstraram ajustar-se às boas normas do escotismo tipo Baden-Powell para o qual tanto temos trabalhado.

Recordamos a feliz frase brasileira:
Marcar passo não é parar;
e assim tem acontecido.

HUMBERTO MARTINS

ANGOLA... PRESENTE...

O Grupo N.º 36 (AEP), de Luanda já tem nova sede

O Grupo 36, de Luanda, esteve a braços com o grave problema de falta de sede, que iria desaparecer em breve.

Pois o ano de 1974 foi o Ano Bom do «36»! Mas passemos aos factos: Depois dos elementos do «36» terem entrado escotisticamente em 1974 (este Grupo organizou o I «Reveillon» Escotista de Angola), logo no dia 13 de Janeiro mudou de sede. Sim, amigo Leitor, o 36 tem nova sede e bem melhor do que a anterior. A chefia tinha feito várias tentativas, nomeadamente junto da municipalidade de Luanda, mas viu goradas as suas intenções.

O Chefe do Grupo lançou um lema antigo, mas propício à situação: *parar é morrer*, que foi adoptado por todos os escoteiros. Não se pára. E foi o JOTA/73 que deu ao Grupo a possibilidade de conhecer o Homem que, depois de ter convivido com os escoteiros, no acampamento do Jota/73, passou a ser um entusiasta do Escotismo. Foi o sr. Madeira da Cunha, o radioamador que esteve mais activo na colaboração prestada ao «36», quem nos ajudou a procurar uma sede e foi ele que a encontrou e lutou para ela a par do incansável Chefe Baptista. Ambos viram as portas da Organização Provincial de Voluntários e Defesa Civil de Angola abrirem-se pela mão do Comandante Distrital, sr. Tenente Beirão, que ofereceu para sede parte das instalações do subsector D sito no morro de Miramar.

Além do magnífico panorama que se disfruta do local, as instalações são óptimas para a prática do Escotismo. E foi belo ver esses rapazes e raparigas compartilharem da euforia do Chefe do Grupo e do sr. Madeira da Cunha. Rostos jovens, cansados, suados, mas alegres e felizes, depois de feita uma mudança relâmpago.

No dia seguinte, todo o Grupo reuniu para participar na passagem a Escoteiro de dois lobitos, cerimónia repleta de momentos de alegria estonteante entre os escoteiros e familiares presentes.

Toda a rapaziada está lançada no arranjo de cantos de patrulha nos terrenos anexos à sede e em programa aliciante de actividades escotistas. Aguardemos o desenrolar do ano e talvez possamos afirmar no fim do II «Reiveillon Escotista» de 1974, que este ano foi o ANO DO 36.

*

Há já alguns meses que este grupo publica uma folha informativa das suas actividades, através da qual pode fazer-se uma ideia do trabalho que esta unidade escotista está levando a efeito.

ÚLTIMA NOTÍCIA

Escotismo de Extensão do Grupo n.º 36 de Luanda

O Grupo n.º 36 dos Escoteiros de Portugal, de Luanda, iniciou em 9 de Fevereiro corrente a sua actividade no ramo de extensão, com a participação de três jovens do Centro de Reabilitação e Fisioterapia de Luanda, que se integraram nas actividades escoteiras.

O Director deste Centro, sr. dr. Leopoldo Mayor, apoiou a iniciativa e colocou à disposição do «36» o apoio de pessoal técnico e material necessário.

Simpaticamente, o «36» diz dedicar esta iniciativa ao 30.º aniversário de «Sempre Pronto».



REGIÃO CENTRO

Acto de posse do novo Chefe Regional

No passado dia 7 tomou posse do cargo de chefe da Região Centro o nosso camarada de redacção sr. Mariano Garcia, que correspondeu ao apelo lançado pelos chefes dos grupos da Capital para ocupar aquela chefia.

GRUPO N.º 1

Festa de Natal no Porto Brandão

Este grupo visitou no dia 22 de Dezembro último a Obra Social do Porto Brandão, tendo contemplado as crianças protegidas por esta instituição com uma sessão de variedades e ainda com agasalhos, brinquedos e livros angariados pelos seus escoteiros.

Foi uma actividade que deixou muito satisfeitas as crianças do Porto Brandão, bem como os rapazes do Um, por sentirem ter levado a efeito uma acção digna de elogios.

GRUPO N.º 2

Festa de Natal

O Dois levou a efeito a sua Festa de Natal. Para isso, reuniu, na sua sede, os escoteiros e os lobitos, bem como antigos escoteiros do grupo e ainda muitos amigos, além de todos os seus dedicados dirigentes.

Em primeiro lugar, realizou-se a Boa Acção Colectiva dos Escoteiros. O chefe Madeira Leitão dirigiu palavras de saudação aos 150 pobres presentes e bem assim a todas as pessoas que ali estavam reunidas, nomeadamente o sr. presidente da Junta da Freguesia da Ajuda, ao representante do Ajuda Clube, aos escoteiros fundadores do grupo, nossos companheiros srs. Luís Alves Miguel e António Xavier de Brito, ao nosso estimado amigo sr. Dr. Eugénio Henrique Ramos, antigo escoteiro-chefe do Dois e actual presidente da Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros e ao sr. David Baudouin, antigo dirigente do grupo.

A seguir, começou a distribuição a todos os pobres ali reunidos de embrulhos com roupa, calçado, géneros alimentícios e, aos mais necessitados, ainda uma oferta pecuniária. Às crianças, foram entregues brinquedos, livros usados e guloseimas, tudo produto da angariação feita pelos escoteiros do grupo.

Depois, houve a promessa dos novos lobitos João Carlos Soares Freitas Ferreira e Manuel Figueiredo Antunes Alves, e o compromisso de honra e consequente passagem a escoteiro do lobito Fernando Duarte Mendes e compromisso de honra dos novos escoteiros Sérgio Vale Santos Borges de Macedo, Arlindo Jesus Correia Santos, António Manuel Caramelo Raposo, Augusto Manuel Beatriz Assunção e Mário Jorge Pereira de Oliveira.

Procedeu-se ainda à distribuição de medalhas comemorativas do 6.º aniversário do Dois: à chefe dos serviços sociais sr.ª D. Júlia Abrantes Soares, dedicadíssima dirigente do grupo e infatigável organizadora da Boa Acção Colectiva; aos escoteiros fundadores do grupo srs. Alves Miguel e Xavier de Brito, aos dirigentes do grupo e ao antigo escoteiro David Baudouin.

Foram igualmente entregues aos escoteiros os prémios do concurso de desenhos da visita ao Jardim Zoológico.

GRUPO N.º 14

Deste grupo recebemos a seguinte carta que publicamos na íntegra:

Tendo lido o Jornal «Sempre Pronto», verifiquei de que na notícia respeitante à inauguração da nossa sede, o que desde já muito gratos ficamos, houve um lapso na constituição dos membros directivos, pelo que pedimos a V. se dignem fazer a respectiva rectificação no próximo número desse jornal, pois a mesma é constituída como segue.

Presidente: *Augusto Araújo de Campos Madureira* (Comandante dos Bombeiros Voluntários de Algés)

Vice-presidente: *Miguel Joaquim Garcia de Oliveira* (2.º Comandante dos Bombeiros Voluntários de Algés)

Secretário: *João da Cruz Fernandes*

Tesoureiro: *José Avelino Monteiro Lourenço* (Ajudante do Comando dos B. V. A.):

Vogal interino: *Joaquim das Neves Valentim*

Chefe de Grupo: *José Gamito Chainho*

Agradecendo desde já o acolhimento que este nosso pedido de rectificação venha a merecer de V., aproveitamos para apresentar

Cordiais saudações
O «Sempre Pronto» a Servir
João da Cruz Fernandes, Secr.

Aqui fica, portanto, o reparo e desde já apresentamos as nossas desculpas pelo erro cometido.

«SEMPRE PRONTO»

Administração

Cobrança em Lisboa

O recebimento de assinaturas em Lisboa é feito por pessoa amiga, que presta assim relevante serviço ao nosso jornal. Não é um profissional, mas um colaborador, que põe o seu interesse em ajudar. Verdade seja que na generalidade os nossos assinantes não são menos interessados, pelo que a cobrança se processa quase sempre facilmente. Nos bairros da periferia de Lisboa, pouco acessíveis, temos agora diversos assinantes, quase todos jovens escoteiros, que muito prezamos como leitores, mas cuja cobrança de assinaturas se torna algumas vezes bastante difícil porque em suas casas não têm instruções para efectuar o pagamento. Apelamos para estes amigos para que facilitem a cobrança ou tomem a iniciativa de nos enviar o valor de suas assinaturas, o que poderá ser feito em cheque, vale postal ou em selos de correio de um escudo.

Estamos certos de que o nosso apelo será escutado, o que desde já agradece.

A Administração

O PROGRAMA ESCOTISTA

Continuação da pág. 6

uma das edições do *Scouting for Boys* o subtítulo «*Manual para formar bons cidadãos para a vida nas florestas*». De preferência, o método a seguir para alcançar este objectivo passa pela natureza. Os novos programas confirmam este princípio.

O escoteiro não vive apenas na natureza: vive *com ela* e isto faz a sua diferença. Para o escoteiro, a natureza não é jamais um lugar sem alma onde ele se entrega a diversas actividades; bem ao contrário, há uma interacção da natureza com o homem, uma integração total do homem no seu ambiente. O facto de as pessoas viverem cada vez mais nas cidades não modifica em nada a pertinência deste conceito original do escotismo, muito pelo contrário.

Certos estudos demonstram que a vida ao ar livre desempenha um papel extremamente importante nos programas eficazes do escotismo. Perante estes estudos, é legítimo afirmar que o lugar reservado à vida ao ar livre nos programas é uma das principais razões, senão a principal, por que os jovens aderem ao escotismo. Por outro lado, a sua raridade num programa é uma das principais causas de descontentamento. Se ele falta completamente, tem-se aí o principal motivo pelo qual os escoteiros deixam o movimento.

As novas provas e novas especialidades revistas que têm relação com a natureza e com a sua protecção, são elementos típicos de todos os novos programas.

(Continua)

Tradução de Rui Fernando da Fonseca

A L A R M E

Continuação da pág. 1

nenhum dos actuais colaboradores se pode comprometer. Será que alguns dos nossos leitores estarão em posição de nos conseguirem publicidade que se ajuste aos princípios orientadores do nosso jornal?

Sem nova e efectiva cooperação de quantos desejam que «Sempre Pronto» exista, não teremos dúvidas que será o fim desta publicação, mantida com orgulho e carinho, ainda que com muito sacrifício, desde há 30 anos, durante os quais temos a perfeita consciência de ter servido fielmente e com verdadeira dedicação o Movimento Escotista e a juventude do nosso País, sem olhar a recompensas ou distinções, seguindo com dignidade uma linha de rumo por nós próprios traçada, fiéis ao lema que adoptámos quando jovens nos integramos neste maravilhoso movimento — SERVIR.

Com a clareza e rectidão que nos são habituais, aqui estamos a dar conta do sucedido.

Têm a palavra os nossos estimados leitores.

UM ANIVERSÁRIO BRILHANTE

REV. EDUARDO HENRIQUES MOREIRA

Em 26 de Fevereiro corrente, passa o 88.º aniversário do nascimento do nosso querido amigo e colaborador Rev. Eduardo Moreira. Por norma não fazemos referência a estas efemérides. Abrimos uma excepção a propósito do Chefe Trigueiros, que também felicitamos pelos 86 cumpridos este mês, pelo facto de apesar da sua idade avançada se manter ainda na actividade escoteira com uma vitalidade admirável. O aniversário do Rev. Moreira é outro facto notável, porque este nosso amigo não se sente vencido pelos anos, antes pelo contrário mantém uma actividade constante, fazendo amplo uso da sua excepcional cultura e saber e, como mestre da língua, continua a dar generosamente a sua colaboração a diversos jornais e revistas como «O Educador», «Boletim da Sociedade na Língua Portuguesa», «Portugal Evangélico» e outros, além de «Sempre Pronto», no qual a sua brilhante presença é muito apreciada pelos nossos leitores.

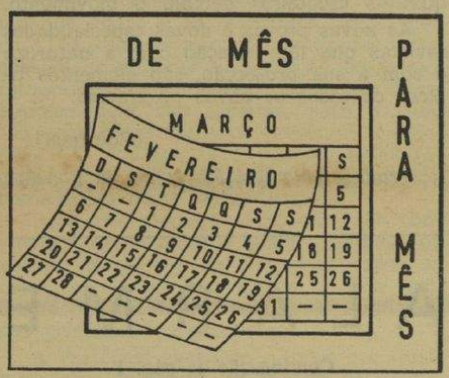


Uma recente fotografia de Eduardo Moreira, no momento em que falava a «Sempre Pronto»

Apesar de prudentemente evitar expor-se a intempéries, não recusa convites para pregar ou fazer palestras e conferências, usando a sua privilegiada memória e exibindo ainda uma eloquência notável. Espírito esclarecido, alia a uma firme fidelidade às suas convicções uma tolerância simpática, que lhe tem grangeado amigos e admiradores em diversos sectores do pensamento religioso e intelectual. A sua actividade literária é excepcional, distribuindo-se por diversos trabalhos que tem em mãos, além daqueles que constam já de uma larga bibliografia que lhe tem dado merecido lugar de destaque no mundo das letras.

Sempre se dedicou a obras generosas e no Escotismo encontramo-lo desde as primeiras horas no Grupo n.º 1. Colaborou mais tarde na Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal, conseguindo num momento de apuro reunir elementos que mantiveram progressivo o Movimento. As suas actividades levaram-no ao Porto e aí vemo-lo novamente à frente da Região do Norte impulsionando o Escotismo com a colaboração de Álvaro Dória. Os seus três filhos: D. Elisama, foi uma das primeiras guias de Portugal; Gustavo e Dr. Ernesto Moreira foram escoteiros do Grupo 1, elementos que muito honraram as nossas fileiras e mantêm fidelidade aos nossos ideais.

Os nossos votos vão para que possamos ainda por muitos anos beneficiar da companhia do Rev. Moreira, das suas brilhantes lições através de amenas conversas, colóquios e palestras, além dos seus apreciados artigos. Um feliz aniversário!



Ar livre em todo o tempo



O último fim-de-semana de Janeiro terminava chuvoso. O sábado não dava esperanças de bom tempo. No entanto, no domingo, logo de manhã, um grupo recentemente reorganizado marchava a caminho do campo e dava entrada alegremente no Parque da Caparica encabeçado pelo seu dedicado chefe. Que inesperado belo dia aqueles rapazes disfrutaram como merecido prémio do seu amor ao ar livre!

Trata-se de uma unidade dos Escoteiros de Portugal que progride, mantém o entusiasmo, exactamente porque oferece aos seus rapazes a vida alegre em contacto com a natureza. O campo tem de fazer parte das actividades escoteiras no Verão e no Inverno, no bom e no mau tempo. Caso contrário os grupos caem na rotina e estiolam-se. Não é isso que acontece a tantos?

Se quisermos ter unidades escoteiras cheias de vida, de entusiasmo, de progresso, há que decididamente enveredar pela vida ao ar livre em todo o tempo, sempre com actividades novas, diferentes, perenes de alegria.

À LAIA DE GAZETILHA

(Coisas várias, actuais)

É «médio» o «Próximo Oriente»?
Qual o adjectivo certo
do que anda na nossa mente?
Cada vez está mais perto...

*

Um dos nautas do «Skylab»
mentiu? Foi «de pouca monta».
Mas desde agora, quem sabe
quando é verdade o que conta?

*

Dão-se aos «grandes» bons presentes
quando resolvem casar;
mas quem dá aos indigentes?
«Os rios correm pra o mar»...

*

Há modas de «aficionado»;
mas, como o outro que diz,
ser à «faena apegado»
não é nossa «de raiz».

Para ser acreditado
(ouvi-o eu muita vez)
um sujeito suspeitado
replica: «sou português!»

*

Em vernácula inteireza
responsabilidade assumes
no «Cozido à Portuguesa»,
na «mansidão dos costumes».

*

Em tal dito há quem se fira?
Porém creio que tu vês:
o bacalhau, como o «vira»
será sempre português!

*

O velho, o rapaz e o burro
deixaram filhos... herdeiros;
e por isso ainda há esturro
e acordamos aos berreiros!

*

Se de antigos «parlamentos»
saía parlenda acerba,
agora, com novos ventos,
todos querem «res non verba».

Cabo Verde vai ter água,
Monsanto já é floresta,
mas ainda há muita mágoa
por não estar feito o que resta!

*

Pouco vale a redondilha?
Se assim há quem o afirme,
eis aqui quem a perfilha:
Pé quebrado? Mas mão firme!

E. M.

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número duplo avulso: 5$00 — Assinatura anual: 30$00